



CORPORIFICANDO UMA LUTA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA FICÇÃO DETETIVESCA DE LUCHA CORPI

EMBODYING A STRUGGLE: THE FEMALE REPRESENTATION IN LUCHA CORPI'S DETECTIVE FICTION

Juliana Machado Meanda*

* julianameanda@id.uff.br
Doutoranda em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) na Universidade Federal Fluminense - UFF (Niterói/RJ). O presente artigo é derivado da minha pesquisa de Mestrado em Estudos de Literatura (Literaturas de Língua Inglesa), realizada na mesma instituição.

RESUMO: O presente artigo investiga a representação feminina no livro *Cactus Blood*, o segundo título da série de ficção detetivesca da escritora Lucha Corpi, publicado em 1995. Busca-se examinar a relação entre esse gênero textual (*genre*) e a identidade de gênero (*gender*) na obra em questão, observando especialmente o processo de construção identitária de personagens femininas. A autora utiliza um gênero popular para abordar diversos aspectos culturais, históricos, sociais e políticos em relação à comunidade chicana, isto é, de mexicano-americanos, grupo que traz em seu cerne questões de hibridismo cultural, que vive na fronteira (física e metafórica) entre o México e os Estados Unidos. Assim, a ficção detetivesca produzida por um grupo subalternizado ajuda a compreender o papel deste gênero literário como expressão artística e representação de minorias sociais, tornando-se um veículo para a construção identitária, além de um espaço para críticas e denúncias.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Representação feminina; Ficção detetivesca; Literatura chicana.

ABSTRACT: This article investigates the feminine representation in the book *Cactus Blood*, the second title of the detective fiction series by the writer Lucha Corpi, published in 1995. It seeks to examine the relationship between this textual genre and gender identity, especially observing the process of identity construction of female characters. The author uses a popular genre to address various cultural, historical, social, and political aspects of the Chicana/o community, that is, of Mexican Americans, a group that brings at its core issues of cultural hybridity, that lives on the (physical and metaphorical) border between Mexico and the United States. Thus, the detective fiction produced by a subalternized group helps to understand the role of this literary genre as an artistic expression and a representation of social minorities, becoming a vehicle for identity construction, as well as a space for criticism and denunciation.

KEYWORDS: Identity; Feminine representation; Detective fiction; Chicana literature.

Lucha Corpi é uma escritora chicana – nascida no México em 1945 e residente dos Estados Unidos desde 1964 –, sendo uma das pioneiras da literatura chicana e precursora da ficção detetivesca feminina chicana. Reconhecida e premiada, Corpi aborda em sua obra diversos aspectos socioculturais, históricos e geopolíticos da comunidade chicana, isto é, de mexicano-americanos – tanto aqueles nascidos no México e imigrantes nos Estados Unidos (como a autora) quanto os nascidos em território estadunidense descendentes de mexicanos. Sua série detetivesca conta com cinco títulos, que são em sua maioria protagonizados pela personagem Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana.¹ É necessário esclarecer e ressaltar, como aponta a respeitada teórica de Estudos Chicanos Norma Alarcón, que o termo “chicana/o” não é uma designação com a qual mulheres ou homens nascem, mas é um termo consciente e criticamente assumido como um nome de resistência, que possui conotação cultural e política, levando em consideração as múltiplas migrações e deslocamentos de pessoas de ascendência mexicana.² Elizabeth Martínez, feminista, educadora e ativista chicana de longa data, complementa que “chicana/o” já foi um termo depreciativo e indicativo de status de classe baixa, mas tornou-se uma autodefinição política e um clamor de orgulho por sua condição de povo, além de uma rejeição

da assimilação durante as décadas de 1960 e 1970, época de forte pressão por mudanças progressistas.³

É justamente esse o período mais ressaltado na série detetivesca de Corpi, que traz em seu escopo momentos históricos significativos para a comunidade chicana, sendo o Movimento Chicano dos anos 1970 bastante presente nas obras. Já na cena de abertura do primeiro título da sequência, *Eulogy for a Brown Angel* (1992), é inserida a Marcha da Moratória Chicana, protesto de fato ocorrido na cidade de Los Angeles em 1970 contra a Guerra do Vietnã. Assim, a investigação criminal torna-se um dos diversos problemas que são expostos e examinados, e o crime vai muito além de um fato isolado e desencadeador da busca por um culpado, tornando-se elemento através do qual são trazidas à tona questões mais profundas relativas ao contexto histórico e social concernentes ao povo chicano, subalternizado por sua etnia, e ainda questões de gênero, com foco especial nas mulheres chicanas. Deste modo, sua obra evidencia preconceitos e injustiça social da hegemonia branca estadunidense em relação aos chicanos e aborda ainda desigualdades dentro desta própria comunidade, especialmente no que diz respeito à condição feminina. A construção identitária das personagens é posicional e política, partindo de uma releitura histórica e de um mergulho cultural através do

1. Os livros da série são: *Eulogy for a Brown Angel* (1992), *Cactus Blood* (1995), *Black Widow's Wardrobe* (1999), *Crimson Moon* (2004) e *Death at Solstice* (2009). Apenas *Crimson Moon* não é protagonizado por Gloria Damasco.

2. ALARCÓN. *Chicana Feminism: in the tracks of "the" native woman*, p. 250.

3. MARTÍNEZ. *De Colores Means All of Us: Latina views for a multi-colored century*, p. 1-2.

resgate de símbolos e eventos políticos marcantes para a comunidade chicana.

Como observa Carmen García, a protagonista da série, Gloria Damasco, está não apenas profundamente enraizada em sua comunidade étnica, mas sente também uma responsabilidade direta em relação ao seu meio social, não separando suas crenças pessoais e seu compromisso com sua comunidade de sua investigação.⁴ Trazendo as reflexões de Krajenbrink e Quinn sobre ficção detetivesca para a série de Corpi, pode-se considerar que suas obras se colocam em conexão entre a presença global do gênero e a crescente importância de cenários especificamente locais e regionais, utilizando estratégias de *glocalização*: resistindo à homogeneização, reescrevendo criticamente as regras de um gênero “importado” e também efetuando uma reformulação do que tem sido tradicionalmente um gênero dominado pelos homens.⁵ Deste modo, Corpi efetua uma relação entre o gênero textual (*genre*) e a identidade de gênero (*gender*) em sua obra, utilizando um formato reconhecido e estabelecido e ao mesmo tempo subvertendo alguns de seus parâmetros, ao inserir a mulher no centro de sua narrativa e destacar questões relativas às chicanas. Assim, a ficção detetivesca produzida por um grupo subalternizado ajuda a compreender o papel deste gênero literário como expressão artística e representação de minorias sociais, tornando-se um veículo para a

construção identitária, além de um espaço para críticas e denúncias. Como aponta Tim Libretti, Corpi reelabora a típica fórmula da ficção detetivesca, deslocando a importância do crime individual para a própria estrutura social, que ela identifica como a maior fonte de criminalidade.⁶

A presente análise aborda a segunda obra da série, intitulada *Cactus Blood* (1995), cuja protagonista é Gloria Damasco. Enquanto no primeiro livro essa personagem atuou como detetive amadora, ela agora está no caminho para tornar-se uma investigadora particular profissional. Esta narrativa se passa no ano de 1989, e seu enredo é desencadeado pela morte de Sonny, um ativista chicano, evidenciando questões políticas, visto que no apartamento do falecido é encontrado um vídeo que mostra cenas da greve de 1973 promovida pelo sindicato de trabalhadores agrícolas nos Estados Unidos, chamado *United Farm Workers*. Assistindo ao vídeo com imagens da década de 1970, Gloria se sente pessoalmente afetada ao lembrar a violência sofrida durante a marcha da Moratória Chicana, abordada no livro anterior de Corpi⁷:

Como se tivessem sido lançados pessoalmente contra mim, os insultos raciais trovejaram em meus ouvidos e perfuraram meu coração. Uma raiva visceral surgiu lentamente do fundo de mim e atingiu as paredes da minha garganta. Eu

4. GARCÍA. *Private (Brown) Eyes: Ethnicity, Genre and Gender in Crime Fiction in the Gloria Damasco Novels and the Chicanos Comic Series*, p. 74.

5. KRAJENBRINK; QUINN. *Investigating Identities: questions of identity in contemporary international crime fiction*, p. 2-3.

6. LIBRETTI. *Lucha Corpi and the Politics of Detective Fiction*, p. 78.

7. As traduções livres serão colocadas no corpo do texto, com as citações originais em notas de rodapé.

não sentia uma raiva tão impotente desde a manifestação e marcha da Moratória Nacional Chicana de Los Angeles em 1970, quando a polícia nos atacou enquanto nos reuníamos pacificamente.⁸

Também no ano de 1973 houve um boicote às uvas pelos chicanos, que Gloria afirma ter apoiado junto com sua família, mostrando sua veia politicamente engajada. Como afirma a professora e pesquisadora Sonia Torres, o movimento de base agrícola foi um dos fatores mais preponderantes na afirmação do “chicanismo” na década de 1960, quando ocorre também a adoção do termo “chicano”.⁹ Gloria Damasco, ativista do Movimento Chicano na década de 1970, e agora já mais distante de sua juventude, passados quase vinte anos do contexto em que estava imersa naquela época, tece lembranças e reflexões sobre sua militância, refletindo sobre seus sentimentos em relação ao vídeo feito por Art Bello, melhor amigo do falecido Sonny: “Percebi que, no decorrer do filme de Art, eu havia me tornado politicamente nostálgica. Eu sabia que estava mergulhada em uma melancolia saudosa, desejando que as coisas fossem do jeito que costumavam ser no final dos anos sessenta e início dos anos setenta.”¹⁰ Entretanto, ela tem consciência de que de certo modo seu saudosismo é apenas um sintoma da falta que sente de sua própria ingenuidade quando era mais jovem e da novidade do Movimento Chicano:

Intelectualmente, percebi que era tolice sentir saudade dos tempos mais opressivos e repressivos que nós, como chicanos, havíamos vivenciado. Mas tive a sensação de que eu não sentia falta do ativismo tanto quanto da inocência que destacou nosso zelo político e a novidade de nosso compromisso. Conectei a nossa angustiante experiência – as ações repressivas e violentas da polícia contra nós na Marcha Nacional da Moratória Chicana de 1970 no leste de Los Angeles e durante a greve de 1973 da União de Trabalhadores Agrícolas e o boicote às uvas – com a perda daquela inocência.¹¹

Gloria demonstra assim o seu envolvimento e engajamento na causa chicana e, além disso, traz também uma problematização no que diz respeito ao pensamento lógico-racional hegemônico, uma vez que, ainda no primeiro livro da série, subitamente percebe-se possuidora de uma espécie de clarividência, mas que, por não compreendê-la muito bem e nem saber como interpretá-la, a denomina de dom sombrio – *dark gift*. Entretanto, essa percepção extrasensorial não é prontamente aceita por ela mesma, ciente da sua imersão em uma sociedade que valoriza os discursos da racionalidade em detrimento de qualquer conhecimento que não possa ser “cientificamente comprovado”. A princípio, ela temia que sua credibilidade pudesse ser questionada, ainda mais sendo uma mulher, consciente de que o preconceito existente em relação ao seu gênero pudesse ser

8. CORPI. *Cactus Blood*, p. 18. “As if they had been thrown personally at me, the racial slurs thundered in my ears and pierced my heart. A visceral anger rose slowly from deep within me and hit the walls of my throat. I hadn’t felt such impotent rage since the 1970 Los Angeles National Chicano Moratorium march and riot, when the police had attacked us as we peacefully assembled.”

9. TORRES. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografías de resistencia*, p. 21-22.

10. CORPI, *Cactus Blood*, p. 21. “I realized that in the span of Art’s film I had grown politically nostalgic. I knew I was wallowing in wistfulness, wishing that things were the way they used to be in the late sixties and early seventies.”

11. CORPI. *Cactus Blood*, p. 21. “Intellectually, I realized it was foolish to long for the most oppressive and repressive times we, as Chicanos, had experienced. But I had the feeling I didn’t miss the activism as much as the innocence that had underscored our political zeal and the newness of our commitment. I connected our harrowing experience – the violent repressive actions of the police against us at the 1970 National Chicano Moratorium march in East Los Angeles and during the 1973 United Farm Workers’ strike and grape boycott – with the loss of that innocence.”

reforçado por mais este fator, uma vez que visões e sonhos são discriminados de modo geral como credices ou superstições, usualmente mais atreladas ao feminino. A protagonista demonstra dificuldade em aceitar essa sua faceta, em admiti-la para si mesma e acomodá-la à sua personalidade e a seu modo de viver. Mesmo quase duas décadas após ter tido esse aspecto despertado, ele ainda se mostra um grande desafio a ser enfrentado, com o qual Gloria continua a debater-se, como é evidenciado no trecho a seguir:

Eu tinha vinte e três anos quando descobri pela primeira vez que eu tinha uma consciência extrassensorial – meu dom sombrio. Desde então, eu sabia que não tinha mais controle sobre seus ritmos do que sobre as batidas do meu coração. No entanto, eu tinha lutado implacavelmente para não ter minha razão obscurecida por essa presciência em mim. Mas eu também percebi que, independentemente de como eu me sentia sobre a minha percepção aumentada, uma vez que os sonhos e visões viessem, eu estaria comprometida – como uma criptógrafa não qualificada – a extrair o significado deles e a agir sobre o conhecimento.¹²

Assim, Gloria envolve seu lado emocional em suas investigações, a partir do qual surgem intuições, sonhos e visões, que busca interpretar com a ajuda de seu lado racional. Carol Pearson observa que, em contraste com muitos

romances detetivescos tradicionais, que retratam um protagonista masculino duro e cínico, Gloria não tem medo de revelar suas emoções e reações ao leitor, e em cada romance ela é compelida, por visões e por empatia pessoal pelas vítimas, a aceitar os casos, mostrando seu profundo senso de responsabilidade e lealdade a seu povo.¹³ Já Judy Maloof afirma que Gloria Damasco, uma detetive clarividente, traz uma nova perspectiva estética e cultural feminista chicana ao gênero da ficção detetivesca.¹⁴ Nas palavras de Carla Portilho:

[...] as experiências psíquicas, premonições e visões de Gloria se apresentam como uma outra característica que desconstrói a imagem do detetive hegemônico, pois ela não utiliza apenas o intelecto para resolver os mistérios. As visões vão contra o caráter positivista do romance policial tradicional, sobretudo o de enigma, uma vez que não podem ser explicadas pela razão nem por uma relação de causa e efeito.¹⁵

Outra personagem muito emblemática nesse título é Carlota Navarro, descoberta por Gloria ao retomar uma série de gravações de áudio feitas por sua falecida amiga Luisa, também militante da causa chicana, que tinha o intuito de escrever um livro chamado *The Chicana Experience*, cujo objetivo era documentar o Movimento Chicano de direitos civis pela perspectiva das mulheres, reunindo

12. CORPI. *Cactus Blood*, p. 32. "I was twenty-three when I'd first discovered I had an extrasensory awareness – my dark gift. Since then, I had known that I had no more control over its rhythms than I had over my heart's beating. Nonetheless, I had relentlessly fought not to have my reason clouded by this prescience in me. But I also realized that regardless of how I felt about my heightened perception, once the dreams and visions came I would be committed – like an unskilled cryptographer – to extract meaning from them and to act on the knowledge."

13. PEARSON. *Writing from the outside in: constructs of memory and Chicanas as private eyes in three detective novels by Lucha Corpi*, p. 44.

14. MALOOF. *The Chicana Detective as Clairvoyant in Lucha Corpi's Eulogy for a Brown Angel (1992), Cactus Blood (1996), and Black Widow's Wardrobe (1999)*, p. 2.

15. PORTILHO. *As Herdeiras de Miss Marple e a Práxis Cotidiana como Tática de Resistência*, p. 58.

entrevistas com chicanas que haviam se envolvido no movimento político nas décadas de 1960 e 1970. Gloria ouve a gravação com o depoimento de Carlota, que preferiu não ser entrevistada, mas simplesmente contar sua história de imigração para os Estados Unidos a partir de sua cidade natal em Michoacán, no México, e suas experiências na Califórnia. Ela narra sua trajetória de vida, de perdas e sofrimento, tendo perdido sua única avó aos 3 anos de idade e em seguida seus pais em um acidente de trânsito. Órfã, aos 14 anos de idade Carlota foi vendida pelo tio de uma amiga de infância para uma família estadunidense a fim de trabalhar como empregada doméstica, tendo atravessado a fronteira ilegalmente, escondida na mala de um carro, como relata: “No porta-malas daquele carro [...], a caminho do vale de San Joaquín, para uma vida de fugitiva como trabalhadora doméstica ilegal para a família dos Stephenses, chorei por meu pai e minha mãe, molhando o solo no vaso onde meu *nopalito*, meu pequeno cacto espinhoso mexicano, estava crescendo.”¹⁶

O cacto de Carlota remete ao título do livro, “sangue do cacto” – planta que é um símbolo mexicano e que representa nessa obra a comunidade chicana, especialmente a feminina. De acordo com a acadêmica chicana Tey Diana Rebolledo, as chicanas podem ser comparadas ao cacto do deserto, mostrando suas habilidades de sobrevivência e sua

capacidade de adaptação, mesmo quando há pouca água e o solo é mal nutrido.¹⁷ Os espinhos do cacto são sua defesa e proteção, mas apesar de seu exterior espinhoso ele é macio por dentro, e “sangra”, em uma alusão à violência sofrida principalmente pelas mulheres, como Carlota, que além de ter sido vendida por um cidadão de sua comunidade, às vésperas de completar 15 anos foi estuprada por seu empregador. Após sofrer esta violência sexual, correndo em fuga ela atravessa um vinhedo pulverizado por pesticidas, sendo intoxicada e ficando com graves sequelas tanto físicas como emocionais, e mesmo muitos anos após seu estupro e envenenamento ainda sofre com lapsos de memória, convulsões e problemas psicológicos. Quando não está adoecida, ela dedica-se a ações comunitárias, informando às pessoas sobre os perigos e efeitos dos pesticidas, evidenciando seu lado politizado. Na passagem a seguir, Carlota narra seu sofrimento logo após ter sido estuprada, quando, em fuga, percorreu plantações contaminadas, evidenciando mais uma vez a sua ligação com a terra, característica que é atribuída ao povo chicano de um modo geral e às mulheres em especial, mencionando novamente o cacto que trouxera consigo desde quando deixou sua terra natal:

Eu faria quinze anos dentro de dois dias, mas me sentia com mil anos de idade. Eu era a irmã violada, a face escura da lua. Mas eu iria juntar os meus pedaços novamente, eu jurei, e

16. CORPI. *Cactus Blood*, p. 45. “In the trunk of that car [...], on my way to the San Joaquín Valley, to a fugitive’s life as an illegal domestic worker for the Stephenses, I cried for my father and mother, wetting the soil in the pot where my *nopalito*, my little Mexican prickly cactus, was growing.”

17. REBOLLEDO. *Women Singing in the Snow: a cultural analysis of Chicana literature*, p. 128.

algum dia eu teria a minha vingança. Esses pensamentos me mantiveram viva enquanto eu corria, depois caminhava, e finalmente arrastava a mim mesma, minhas fotos e meu cacto mexicano através de campos de alface e cebola, passando por vinhedos onde o cheiro doce, mas mortal, de pesticidas pairava, ainda fresco, no ar de um amanhecer infernal.¹⁸

As vivências de Carlota, tais como a relação de comércio feita com sua vida, tendo sido vendida como mão de obra barata por um homem de sua comunidade e o estupro sofrido ainda na adolescência em uma terra estrangeira são denúncias da violência contra povo chicano, especialmente contra as mulheres chicanas, frequentemente vítimas de abusos masculinos, tanto de homens brancos do grupo hegemônico como também daqueles de seu próprio grupo étnico minoritário. Deste modo, percebe-se a confluência entre feminismo e pós-colonialismo, uma vez que ambos visam combater opressões daqueles que detêm o poder em diferentes esferas, e têm também se preocupado com as formas e a extensão em que a representação e a linguagem são cruciais para a formação da identidade e para a construção da subjetividade.¹⁹ A importância do discurso é primordial para ambas as correntes, que buscam valorizar a identidade subalternizada e ressaltar a voz daquelas/es que têm muitas vezes sua palavra ignorada ou até mesmo calada. A questão identitária perpassa essas correntes, uma vez que está

intrinsecamente relacionada à representação, como a firma Tomaz Silva: “A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. [...] É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder.”²⁰ Assim, a representação mostra-se relevante também na esfera política, denunciando injustiças sociais, como no caso da obra de Corpi, que coloca sua escrita como uma forma de contraponto ao pensamento dominante, tornando-se uma forma de combate e resistência do grupo subalternizado chicano frente à dominação branca estadunidense, e especialmente da voz feminina chicana com relação aos seus opressores, tanto externos quanto internos.

Em outro momento da narrativa essa questão de gênero retorna, quando Carlota relembra o conselho de Josie Baldomar, uma ajudante de professora da escola que frequentou quando chegou aos Estados Unidos. Usando *Spanglish* – forma híbrida de comunicação em que palavras em espanhol são mescladas a palavras em inglês –, Josie aconselhou-a: “*Pero no te cases con mexicano*. Não, nenhum marido mexicano bêbado para bater em você todos os sábados e gastar seu dinheiro, como meu pai. [...] *Edúcate*. Quando você tem uma educação, uma carreira, você não precisa sofrer nenhum abuso de ninguém.”²¹ Assim, Corpi denuncia a violência contra a mulher, que ocorre

18. CORPI. *Cactus Blood*, p. 53. “I would be fifteen in two more days, but I felt a thousand years old. I was the violated sister, the dark face of the moon. But I would regather myself, I swore, and some day I would get my re-(...)-venge. These thoughts kept me alive while I ran, then walked, and finally dragged myself, my photos, and my Mexican cactus across lettuce and onion fields, passing through vineyards where the sweet but deadly smell of pesticides hung, still fresh, in the air of a hellish dawn.”

19. ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN. *Postcolonial Studies: the key concepts*, p. 117.

20. SILVA. *A produção social da identidade e da diferença*, p. 91.

21. CORPI. *Cactus Blood*, p. 47. “*Pero no te cases con mexicano*. No, no drunk Mexican husband to beat you up every Saturday and spend your money, like my father. [...] *Edúcate*. When you have an education, a career, you don’t have to take any abuse from anyone.”

sistematicamente há séculos, através de suas personagens femininas. Desde a colonização espanhola, as mulheres desta linhagem vêm sofrendo diversos tipos de violência, primeiramente voltada às nativas e posteriormente direcionada contra as mestiças, agredidas de diversas maneiras, como aquelas narradas pelas personagens – violência sexual e outras agressões físicas e ainda abusos psicológicos e morais, como exclusão social e discriminação. Em relação à personagem Carlota Navarro, Libretti comenta: “Carlota torna-se a personificação da história chicana de opressão e colonização racial/nacional, da super-exploração do trabalho e da violência sexual dentro da estrutura racial de classe patriarcal.”²² Ainda a respeito da violência contra a mulher, Luciana Ballestrin afirma:

O corpo feminino pode ser pensado como o primeiro “território” a ser conquistado e ocupado pelo colonizador (homem, branco, cristão, europeu e heterossexual). [...] a violação do corpo feminino por homens colonizadores, militarizados ou armados, do lado “amigo” ao “inimigo”, repete-se histórica e violentamente.²³

Em consonância com a afirmação de Ballestrin acima, Corpi não faz concessões nem poupa críticas com base em nacionalidade, denunciando igualmente o machismo e a dominação masculina tanto de estadunidenses como

de mexicanos. Cabe aqui uma reflexão sobre as diversas colonizações sofridas pelas/os chicanas/os, cujo antepassado indígena foi colonizado pelo imperialismo europeu via espanhóis, no período da Conquista da América, e posteriormente suas raízes indígenas e espanholas, que se tornaram mexicanas, foram dominadas pelo imperialismo neocolonial dos Estados Unidos, através de conflitos que alteraram os limites da fronteira com o México. Grande parte do território mexicano foi tomada pelos Estados Unidos, fazendo com que cidadãos mexicanos se tornassem estrangeiros em seu próprio solo através da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, no ano de 1848. Nas palavras de Torres:

[...] o mexicano foi alienado em sua própria terra, como foram os indígenas norte-americanos, gerando um fenômeno de colonialismo interno, como ficou conhecido o processo de incorporação de uma cultura subalterna à cultura dominante por meio de conquista, força ou violência – no caso do chicano, o colonizador se estabeleceu nas terras ocupadas, relegando o povo originário às margens.²⁴

Os diversos povos que dão origem aos chicanos, como nativos indígenas, europeus e estadunidenses, levam ao conceito de mestiço, criado a partir da conquista de povos “outros” aos europeus. Esse conceito é forjado a partir de

22. LIBRETTI. *Lucha Corpi and the Politics of Detective Fiction*, p. 73. “Carlota becomes the embodiment of the Chicana/o history of racial/national oppression and colonization, labor super-exploitation, and sexual violence within the racial patriarchal class structure.”

23. BALLESTRIN. *Feminismos Subalternos*, p. 1038.

24. TORRES. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografías de resistencia*, p. 20.

uma situação biológico-racial como discurso estratégico para alcançar um objetivo político-econômico, passando inevitavelmente pelo universo sócio-cultural. A mestiçagem é assim um dos traços mais fortes do processo de colonização e um dos fatores que influenciam a construção identitária, sendo uma característica marcante da cultura chicana, que resulta de hibridações e de diversos processos de colonização, tendo uma linha histórica repleta de episódios de conflito. A reflexão a seguir, da historiadora Eliane Garcindo de Sá, esclarece como o conceito de mestiço, que passa a se difundir com mais ênfase no século XVI, chega aos dias atuais:

A condição “mestiça” estará sendo secularmente arguida quanto à sua qualificação positiva ou negativa. A perplexidade observada na sociedade colonial terá, assim, uma longa duração, marcando o processo de construção de identidades/alteridades nas sociedades constituídas a partir e na origem dessa invenção. Os sistemas de representação e as relações [...] terão a indelével marca da construção simbólica produzida pelo confronto provocado pela conquista e colonização [...]²⁵

Assim, o mestiço toma conotações que se relacionam às visões sobre a mestiçagem, tomada ora como negativa, ora como positiva, e assim tem significados diversos e até mesmo opostos. Em um extremo, a mestiçagem é

qualificada por uma visão pejorativa quando associada às ideias de impureza, contaminação, promiscuidade e até mesmo degeneração. No polo oposto é tomada como valor idealizado, exaltada como força e relacionada a noções de adaptabilidade e resistência. Há assim visões que seguem radicalismos opostos, sendo que o perigo é tomar a mestiçagem e o mestiço como uma ideologia, homogeneizando e neutralizando as diferenças existentes entre indivíduos de um grupo heterogêneo não apenas em relação ao seu “outro”, o “puro”, o que também é uma falácia, como ainda em relação aos seus próprios semelhantes, que têm também as suas desigualdades e conflitos internos, visto que nenhuma comunidade é um bloco monolítico. Como apontam Ashcroft, Griffiths e Tiffin: “Nenhum grupo étnico é completamente unificado ou está totalmente de acordo sobre sua própria etnicidade, e nenhuma característica essencial pode ser encontrada em todos os membros do grupo.”²⁶ Deste modo, observa Sá, o mestiço “[...] é uma invenção [...] que materializa a dominação, a conquista e a colonização dos corpos e do imaginário [...]”, e “ocupa um papel que lhe foi desenhado, inventado como expressão da realização do processo de conquista e colonização na América e perdura nas sociedades pós/neocoloniais.”²⁷

A partir da noção de mestiço e mestiçagem, o encontro de diferentes etnias e suas culturas leva ao conceito de

25. SÁ. *Mestiço: entre o mito, a utopia e a história – reflexões sobre a mestiçagem*, p. 112.

26. ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN. *Postcolonial Studies: the key concepts*, p. 102. “No ethnic group is completely unified or in complete agreement about its own ethnicity and no one essential feature can ever be found in every member of the group.”

27. SÁ. *Mestiço: entre o mito, a utopia e a história – reflexões sobre a mestiçagem*, p. 176.

hibridismo ou hibridização, que vem sendo utilizado para discutir o processo gerado pela aproximação de diferentes culturas. Conforme afirmam Ashcroft, Griffiths e Tiffin, “[...] hibridismo comumente se refere à criação de novas formas transculturais dentro da zona de contato produzida pela colonização.”²⁸ Deste modo, os processos de hibridização ocorrem em ambientes de contato, sendo que um dos espaços onde mais fortemente se percebem essas relações é a fronteira, tão presente na cultura chicana. Nas palavras de Silva: “O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteiras.”²⁹ Já Stelamaris Coser observa que o hibridismo vem sendo utilizado pela crítica cultural para “[...] descrever novas culturas criadas em regiões de intensa mistura e/ou espaços de fronteira.”³⁰ Assim, é importante lembrar o aspecto muitas vezes hostil desses movimentos, que são com frequência embates, choques culturais, como também ressalta Silva: “Os processos de hibridização [...] nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos [...] ligados a histórias de ocupação, colonização e destruição. Trata-se, na maioria dos casos, de uma hibridização forçada.”³¹ Além disso, é preciso considerar a observação de García Canclini, quando afirma que “[...] a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições [...]”³²

O próprio aspecto clarividente de Gloria Damasco não é apresentado como resultado de uma integração pacífica, mas uma faceta da protagonista que se mostra como um constante desequilíbrio entre forças opostas, que podem ser relacionadas às influências do México e dos Estados Unidos. A reflexividade da protagonista se destaca em relação às suas percepções extrassensoriais, ao seu dom sombrio, que continua a atuar ao longo de sua nova investigação, neste segundo livro da série. Mesmo após anos lidando com essa sua característica, ela continua a ter visões e também a lidar com elas de modo ambivalente, demonstrando ainda ter dificuldade em aceitar esse seu aspecto: “Eu lutei contra a tentação de amaldiçoar cada um dos meus antepassados de quem eu poderia ter herdado minha clarividência – meu dom sombrio, como eu o chamava.”³³ Gloria indica que as inquietações permanecem e não podem deixar de existir, que sua identidade sempre terá esses dois lados que devem ser manejados: “Senti-me desanimada com o pensamento de que eu poderia sempre ter que adivinhar-me, revistando as águas turvas da minha psique, armada com nada além da fraca luz da minha inteligência intuitiva para me guiar.”³⁴ Assim, ambiguidade e ambivalência são características presentes na construção identitária de Gloria Damasco, havendo na personagem certos dilemas aos quais não são oferecidas resoluções ou simplificações. Suas contradições são problematizadas e complexificam a

28. ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN. *Postcolonial Studies: the key concepts*, p. 135. “[...] hybridity commonly refers to the creation of new transcultural forms within the contact zone produced by colonization.”

29. SILVA. *A produção social da identidade e da diferença*, p. 87.

30. COSER. *Híbrido, Hibridismo e Hibridização*, p. 170.

31. SILVA. *A produção social da identidade e da diferença*, p. 87.

32. GARCÍA CANCLINI. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. XVIII.

33. CORPI, *Cactus Blood*, p. 22. “I fought the temptation to curse every one of my ancestors from whom I could have inherited my clairvoyance – my dark gift, as I called it.”

34. CORPI. *Cactus Blood*, p. 69. “I felt disgruntled at the thought that I might forever have to second-guess myself, to rifle the murky waters of my psyche armed with nothing more than the puny light of my intuitive intelligence to guide me.”

composição da protagonista, que vive sempre sob a influência de duas culturas diferentes, em um espaço fronteiriço entre mundos diversos.

A fronteira é uma marca fundamental na construção identitária chicana, relacionada não apenas à divisão física, mas também como um aspecto metafórico, que aponta para questões internas dos sujeitos. Os chicanos têm em sua própria história e/ou na de seus antepassados vivências de assimilações e conflitos através dos limites territoriais entre México e Estados Unidos, mesmo quando não se encontram geograficamente próximos à divisa. Emblemática para os chicanos, a fronteira está presente na obra de Corpi, e suas personagens vivem experiências marcantes tanto com relação ao aspecto físico da divisa geopolítica entre os dois países – como Carlota, que a atravessou clandestinamente –, quanto ainda no que diz respeito à sua perspectiva simbólica, marcando problematizações em relação a pertencimentos e identificações, e favorecendo a eclosão de subjetividades múltiplas. A renomada escritora e teórica chicana Gloria Anzaldúa evidencia a separação do povo mexicano por uma fronteira arbitrária, conquistada pela violência e marcada por uma relação de poder: “A fronteira entre os Estados Unidos e o México é uma ferida aberta, onde o Terceiro Mundo raspa contra o Primeiro e sangra. E, antes que uma casca se forme, ela volta a sangrar, a

força vital de dois mundos que se fundem para formar um terceiro país – uma cultura de fronteira.”³⁵ Evidencia-se assim a característica de imposição de valores e demarcações de limites geográficos construídas por aqueles que detêm o poder devido a interesses políticos e econômicos, e além disso, a oportunidade de criação de um terceiro espaço, um “outro” lugar, alternativo ao já estabelecido.

Deste modo, percebe-se como a imagem da fronteira é fortemente significativa, e que seu aspecto físico se entrelaça à sua simbologia, marcando as experiências diversificadas e até mesmo díspares vividas pelos chicanos, cujas vivências geram tanto aquisições como também rupturas entre as culturas que fazem parte de sua identidade. Os chicanos possuem em sua história um forte teor de diáspora e miscigenação, acarretando processos de identificação que se dão em diversas direções, gerando uma sensação de múltiplos pertencimentos, muitas vezes como estar “no meio”, na fronteira (física e metafórica) entre duas ou mais heranças culturais, o que ocasiona uma construção identitária plural. Alarcón aponta que o espaço da fronteira geopolítica entre o México e os Estados Unidos é o resultado de guerras expansionistas, colonização, policiamento e exploração, onde formações contínuas de violência estão em andamento, afirmando ainda que isso vem ocorrendo pelo menos desde que os espanhóis começaram a colonizar

35. ANZALDÚA. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*, p. 3. “The U.S.-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country – a border culture.”

a fronteira norte do México, que hoje é o sudoeste incompletamente anglo-americanizado, através de confrontos racializados e misóginos.³⁶ Ela chama atenção assim não somente para questões de raça mas também de gênero, e aponta ainda que essa região dos Estados Unidos não foi totalmente aculturada, mesmo pertencendo oficialmente ao país há mais de 150 anos. Já a socióloga Avtar Brah reflete sobre como o aspecto metafórico da fronteira se insere na realidade concreta:

Fronteiras são construções arbitrárias. Portanto, em um certo sentido, elas são sempre metáforas. Mas, longe de serem meras abstrações de uma realidade concreta, metáforas fazem parte da materialidade discursiva das relações de poder. Metáforas podem servir como poderosas inscrições dos efeitos das fronteiras políticas.³⁷

Assim, o espaço liminar da fronteira problematiza desigualdades e traz novas possibilidades criativas advindas da mescla de influências. A multiplicidade trazida por ela complexifica uma categorização identitária que se pretenda muito compartimentada. Alinhado a este pensamento, Silva aponta: “Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.”³⁸ Deste modo, as identidades mestiças, com suas múltiplas identificações,

escapam a uma lógica binária excludente, do tipo “ou/ou” e apontam para uma lógica aditiva, que aceita a coexistência de aspectos aparentemente discordantes. Como aponta García Canclini: “Essa variabilidade de regimes de pertença desafia mais uma vez o pensamento binário a qualquer tentativa de ordenar o mundo em identidades puras e oposições simples.”³⁹

Desta forma, a comunidade chicana tem uma estreita relação com processos de hibridação, ao lidar com aspectos das culturas mexicana e estadunidense e devido ao caráter diaspórico dos chicanos, que trazem em suas identidades as marcas vividas por sua condição de imigrantes, muitas vezes experimentando uma sensação de pertencimento a ambas as culturas ao mesmo tempo. Susana Rinderle defende que pessoas de ascendência mexicana nos Estados Unidos podem ser consideradas diaspóricas, expondo diversos elementos que caracterizam uma diáspora, tais como: um grupo que reside em uma geografia diferente de seu lugar de origem e que experimenta não apenas o deslocamento físico mas também o hibridismo cultural, que possui um anseio pela pátria e que vive uma identidade coletiva amplamente definida pela relação entre sua terra natal e o lugar que habita.⁴⁰ Ela corrobora ainda o fator econômico como o principal tema entre os dois países, como exposto na história da personagem Carlota Navarro:

36. ALARCÓN. *Anzaldúa's Frontera: inscribing gynetics*, p. 116.

37. BRAH. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*, p. 195. “Borders are arbitrary constructions. Hence, in a sense, they are always metaphors. But, far from being mere abstractions of a concrete reality, metaphors are part of the discursive materiality of power relations. Metaphors can serve as powerful inscriptions of the effects of political borders.”

38. SILVA. *A produção social da identidade e da diferença*, p. 83.

39. GARCÍA CANCLINI. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, p. XXXIII.

40. RINDERLE. *The Mexican Diaspora: a critical examination of signifiers*, p. 297-298.

A necessidade econômica é sem dúvida a principal razão para o deslocamento da diáspora mexicana e uma característica vital da relação neocolonial entre os Estados Unidos e o México. Esta necessidade é resultado da colonização e sua correspondente história de exploração e extração de recursos naturais e de força de trabalho do México [...]”⁴¹

Assim, a ideia de trânsito está relacionada à experiência dos chicanos, com sua ascendência mexicana e vivência estadunidense, e em suas mobilidades passadas e presentes através da fronteira. Brah reflete que, juntos, os conceitos de fronteira e diáspora fazem referência a uma política de localização, a qual descreve como uma posição de localidade multiaxial, afirmando ainda que uma característica regular do posicionamento diaspórico são as contradições de e entre localização e deslocamento.⁴² Ela defende ainda a noção de uma política de localização como um posicionamento em contradição – isto é, uma posicionalidade de dispersão; de localização simultânea dentro de espaços de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, idade; de movimento através de mutáveis limites culturais, religiosos e linguísticos; de jornadas através de fronteiras geográficas e psíquicas.⁴³ É ressaltado assim o aspecto de que a fronteira não é somente externa, mas também interna, vivida de modo concreto, no plano físico, mas também no âmbito emocional pelas pessoas que transitam entre culturas e territórios delimitados.

De tal modo, a construção identitária das personagens chicanas é feita justamente através das brechas entre as oposições binárias que tanto incidem na visão de mundo ocidental e nos processos de identificação e de diferenciação. A busca da visão chicana é justamente por uma desierarquização, por uma articulação de aspectos diversos, muitas vezes divergentes. Nas palavras de Homi Bhabha: “Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.”⁴⁴ Assim, fronteiras são cruzadas tanto física como conceitualmente em relação não somente a geografias como também a identidades, questionando a representação hegemônica. Nas palavras de Silva: “O ‘cruzamento de fronteiras’ e o cultivo propositado de identidades ambíguas é [...] uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade.”⁴⁵ Em relação à questão identitária na ficção detetivesca chicana, o acadêmico e teórico Ralph Rodriguez observa que para a/o detetive, interpretar os traços deixados pelo criminoso é se envolver simultaneamente em um processo de auto-exegese, e que a interação da/o detetive com o texto criminal revela fragmentos de sua identidade e evidencia que a identidade está sempre em processo.⁴⁶ A respeito da protagonista de Corpi, Maloof afirma:

41. RINDERLE. *The Mexican Diaspora: a critical examination of signifiers*, p. 297. “Economic necessity is arguably the main reason for the displacement of the Mexican diaspora, and a vital feature of the neocolonial relationship between the United States and Mexico. This necessity is a result of colonialization and its corresponding history of exploitation and the extraction of natural resources and labor power from Mexico [...]”

42. BRAH. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*, p. 201.

43. BRAH. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*, p. 201.

44. BHABHA. *O local da cultura*, p. 22.

45. SILVA. *A produção social da identidade e da diferença*, p. 89.

46. RODRIGUEZ. *Brown Gumshoes: detective fiction and the search for Chicana/o identity*, p. 9.

[...] Gloria Damasco contribui para a criação de uma nova consciência que ajuda a quebrar o pensamento dualista que forma a base da nossa tradição filosófica ocidental e que domina o gênero da ficção detetivesca clássica. As oposições binárias entre racional e irracional, científico e espiritual, lógico e intuitivo, mente e corpo são colocadas em questão.⁴⁷

Voltando à narrativa de Corpi, em certo momento as personagens de Gloria e Carlota se encontram, trazendo questionamentos a respeito do posicionamento político da protagonista, como quando Carlota provoca Gloria, indagando-a sobre sua identificação em relação à sua comunidade, em uma acusação quanto ao seu aparente distanciamento do ativismo: “Você tem sempre que ser tão não-comprometida? Quando você abandonou o seu comprometimento político? Daqui a pouco você vai estar se denominando hispânica [...]”⁴⁸ É importante esclarecer, como aponta Martínez, que “hispânica/o” é um termo que não surgiu da própria comunidade, mas foi imposto pela sociedade dominante através do departamento de censo dos Estados Unidos durante o governo Nixon na década de 1970.⁴⁹ Ainda a respeito deste termo, Torres observa:

[...] o rótulo étnico “hispânicos” serve como índice da ansiedade de homogeneização anglo-europeia, que costuma colocar seus “outros” sob um mesmo guarda-chuva étnico, sem

levar em conta as diferenças nacionais, culturais e raciais desses povos – que, na maior parte das vezes, vivem dentro do território hegemônico porque foram conquistados em sua própria terra (como é o caso dos mexicano-americanos, ou chicanos, nos EUA), ou porque são exilados políticos ou imigrantes que lá vivem, em consequência da colonização ou da política externa desses países.⁵⁰

A preocupação da sociedade dominante estadunidense e seu anseio por uma classificação homogeneizante daqueles de origem não-branca leva a uma reflexão quanto ao aspecto racial no contexto estadunidense, uma vez que um dos mitos propagados pelos Estados Unidos é o de este ser um “*melting pot*”, um caldeirão que misturaria todas as raças, etnias e culturas e indicaria uma pretensa aceitação da diversidade e abertura à imigração, mas que é na verdade uma visão que promove uma uniformização, e portanto uma simplificação, das diversas culturas que formam o país, ocultando a heterogeneidade entre elas e também internamente dentro de cada uma, reduzindo a complexidade, e assim também a riqueza de elementos que existem em cada grupo. Além disso, a homogeneização de variados povos não é positiva quando promove um apagamento em relação aos privilégios que são dados a uns, enquanto direitos básicos são negados a outros. De acordo com Fregoso e Chabram, o termo “chicana/o” foi criado justamente para

47. MALOOF. *The Chicana Detective as Clairvoyant in Lucha Corpi's Eulogy for a Brown Angel (1992), Cactus Blood (1996), and Black Widow's Wardrobe (1999)*, p. 10. “[...] Gloria Damasco contributes to the creation of a new consciousness that helps to break down the dualistic thinking that forms the foundation of our Western philosophical tradition and that dominates the genre of classic detective fiction. The binary oppositions between rational and irrational, scientific and spiritual, logical and intuitive, mind and body are called into question.”

48. CORPI. *Cactus Blood*, p. 174. “Do you always have to be so non-committal? When did you abandon your political commitment? Next you'll be calling yourself Hispanic [...]”

49. MARTÍNEZ. *De Colores Means All of Us: Latina views for a multi-colored century*, p. 2.

50. TORRES. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografias de resistência*, p. 10.

significar uma rejeição da assimilação, da aculturação e do mito do “*melting pot*” estadunidense.⁵¹ Assim, os grupos subalternizados como os chicanos não se mesclam em um grande conjunto, mas ao contrário, se recusam a esta mistura que quer englobar todos em uma massa disforme; eles querem na verdade mostrar que essa fusão esconde discriminações. Como afirma Anzaldúa: “Eles gostariam de pensar que eu me dissolvi no caldeirão. Mas eu não me fundi, nós não nos fundimos.”⁵²

Todas essas questões identitárias são problematizadas por Corpi, que dá especial atenção à representação feminina em sua ficção detetivesca, enfatizando que o pertencimento a uma cultura híbrida exacerba ainda mais a fragmentação do sujeito e a necessidade de articulação entre as várias identificações e diferenciações para a construção de identidades, o que propicia uma tomada de consciência por parte do indivíduo. São promovidas articulações entre inúmeros elementos antagônicos, dicotomias são problematizadas e por fim colocadas como não excludentes. A literatura chicana insere no mundo ficcional diversas questões que são vivenciadas por esse grupo étnico, oferecendo novas visões a respeito das relações entre as culturas mexicana e estadunidense e explicitando as identidades como construções, questionando e apontando as relações de poder que as envolvem e propondo formas alternativas de pensamento e discurso.

Lucha Corpi abre um espaço de discursividade singular em sua ficção detetivesca, na qual a representação feminina é problematizada, negando uma homogeneização ou neutralização de diferenças existentes entre indivíduos de um grupo que possui também as suas desigualdades e conflitos internos. Evidencia-se o poder subversivo da representação literária, que indaga e revela aspectos políticos e relações assimétricas de influência entre os diversos grupos sociais e a pluralidade das identidades, tanto pessoais quanto coletivas. Pode-se considerar a narrativa de Corpi uma contraescritura, pois ela coloca sua escrita como um modo de resistência ao pensamento dominante, questionando perspectivas hegemônicas e tornando sua obra um meio de contestação e resistência do grupo subalternizado chicano frente à dominação branca estadunidense, e especialmente da voz feminina chicana com relação aos seus opressores masculinos, tanto daqueles do considerado grupo hegemônico como também de homens de seu próprio grupo étnico. Corpi possui em seu discurso literário uma força política que evidencia a relação que pode ser estabelecida entre a expressão artístico-cultural e a crítica social, e assim vozes oriundas de uma comunidade subalternizada abrem um espaço intersticial, propondo alternativas ao discurso estabelecido.

51. FREGOSO; CHABRAM. *Chicana/o Cultural Representations: reframing alternative critical discourses*, p. 205.

52. ANZALDÚA. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*, p. 86. “They’d like to think I have melted in the pot. But I haven’t, we haven’t.”

REFERÊNCIAS

ALARCÓN, Norma. Chicana Feminism: in the tracks of “the” native woman. **Cultural Studies**, v. 4 n. 3, p. 248-256, 1990. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09502389000490201>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

_____. Anzaldúa’s Frontera: inscribing gynetics. In: ALDAMA, Arturo; QUIÑONEZ, Naomi. **Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century**. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Postcolonial Studies: the key concepts**. 3. ed. London; New York: Routledge, 2013.

BALLESTRIN, Luciana. Feminismos Subalternos. **Estudos Feministas**, v. 25, n. 3, p. 1035-1054, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1035>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: contesting identities**. London; New York: Routledge, 1996.

CORPI, Lucha. **Cactus Blood**. Houston: Arte Público Press, 1995.

COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: Ed. UFJF/Niterói: EdUFF, 2005.

FREGOSO, Rosa Linda; CHABRAM, Angie. Chicana/o Cultural Representations: reframing alternative critical discourses. **Cultural Studies**, v. 4 n. 3, p. 203-212, 1990. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09502389000490171>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

GARCÍA, Carmen Méndez. Private (Brown) Eyes: Ethnicity, Genre and Gender in Crime Fiction in the Gloria Damasco Novels and the Chicanos Comic Series. **Altre Modernità**, n. 15, p. 70-82, 2016. Disponível em: <<https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/7177/6972>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. Tradução da Introdução de Gênese Andrade. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

KRAJENBRINK, Marieke; QUINN, Kate. **Investigating Identities: questions of identity in contemporary international crime fiction**. Amsterdam; New York: Rodopi, 2009.

LIBRETTI, Tim. Lucha Corpi and the Politics of Detective Fiction. In: GOSSELIN, Adrienne Johnson (ed.). **Multicultural Detective Fiction: murder from the “other” side**. New York: Garland Publishing, 1998.

MALLOOF, Judy. The Chicana Detective as Clairvoyant in Lucha Corpi's Eulogy for a Brown Angel (1992), Cactus Blood (1996), and Black Widow's Wardrobe (1999). **Ciberletras**, n. 15, 2006. Disponível em: <<http://www.lehman.edu/ciberletras/v15/malooof.html>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

MARTÍNEZ, Elizabeth. **De Colores Means All of Us**: Latina views for a multi-colored century. Massachusetts: South End Press, 1998.

PEARSON, Carol. Writing from the outside in: constructs of memory and Chicanas as private eyes in three detective novels by Lucha Corpi. **Interdisciplinary Literary Studies**, v. 4, n. 1, p. 38-51, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41208805>>. Acesso em: 18 set. 2017.

PORTILHO, Carla. **As Herdeiras de Miss Marple e a Práxis Cotidiana como Tática de Resistência**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2016.

REBOLLEDO, Tey Diana. **Women Singing in the Snow**: a cultural analysis of Chicana literature. Tucson: University of Arizona Press, 1995.

RINDERLE, Susana. The Mexican Diaspora: a critical examination of signifiers. **Journal of Communication Inquiry**, v. 29, n. 4, p. 294-316, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0196859905278495>>. Acesso em: 03 out. 2017.

RODRIGUEZ, Ralph. **Brown Gumshoes**: detective fiction and the search for Chicana/o identity. Austin: University of Texas Press, 2005.

SÁ, Eliane Garcindo de. **Mestiço**: entre o mito, a utopia e a história – reflexões sobre a mestiçagem. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TORRES, Sonia. **Nosotros in USA**: literatura, etnografia e geografias de resistência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Recebido em: 13-01-2019.

Aceito em: 04-05-2019.